

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

22 e 25 de Fevereiro de 2022

AVA GARDNER, CYD CHARRISE, JUDY GARLAND – FATAL JUSTEZA

## MAYERLING / 1968

### Mayerling

*Um filme de Terence Young*

*Argumento:* Terence Young, a partir dos romances “Mayerling” (1930) de Claude Anet e “The Archduke” (1967) de Michael Arnold / *Imagem* (35 mm, ampliado para 70 mm para a distribuição original, Technicolor): Henri Alekan / *Cenários:* Georges Wakhévitch / *Figurinos:* Marcel Escoffier / *Música:* Francis Lai, a partir de um tema de Aram Khatchaturian; trechos de “Gisèle”, de Adolphe Adam / *Montagem:* Benedick Rayner / *Som:* Jacques Carrère e Jo de Bretagne (gravação), Jean Némy e Len Shilton (misturas) / *Interpretação:* Omar Shariff (*o Arquiduque Rodolfo*), James Mason (*o Imperador Francisco José*), Ava Gardner (*a Imperatriz Elizabeth, dita “Sissi”*), Catherine Deneuve (*Maria Vetsera*), James Robert Justice (*o Príncipe de Gales, futuro Eduardo VII*), Geneviève Page (*a Condessa Larich*), Ivan Desny (*o Príncipe Hoyos*), Andréa Parisi (*a Princesa Estefânia, mulher do Arquiduque Rodolfo*), Fabienne Dali (*Mitzi Kaspar*), Maurice Teynarç (*Moritz Szeps*), Moby Dalmès (*a Baronesa Vetsera*), membros do Grand Ballet de France e outros.

*Produção:* Robert Dorfman para Winchester Productions (Londres), Les Films Corona (Paris), Alexandra Films (Paris) / *Cópia:* 35 mm, com legendas em sueco e finlandês e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 136 minutos / *Estreia mundial:* Londres, 22 de Outubro de 1968 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema São Jorge), 24 de Abril de 1969 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

\*\*\*\*\*

**AVISO:** a cópia apresenta sinais de degradação cromática. Pelo facto as nossas desculpas.

\*\*\*\*\*

Os anos finais do Império Austro-Húngaro, que começam precisamente com o assunto que é tema deste filme, o duplo suicídio em 1889 do príncipe herdeiro e da sua amante, sempre fascinaram o cinema e a literatura de médio porte. Além da eterna e pueril atração que despertam a aristocracia e as cortes, o período fascina pelo facto da coroa austro-húngara reunir povos diversos (que provariam mais tarde a sua incapacidade de formarem estados-nações) e pela riquíssima floração artística e intelectual em Viena no período, que se deveu em grande parte a judeus, ao mesmo tempo aceites e discriminados. Max Ophuls, cuja obra-prima absoluta, **Liebelei**, situa-se nesta Viena, dedicou em 1940 todo um filme aos anos finais deste império, intitulado significativamente **De Mayerling à Sarajevo**, cidade onde o novo herdeiro do trono foi assassinado em 1914, o que despoletou a Primeira Guerra Mundial. O Arquiduque Rodolfo, protagonista do filme que vamos ver, era filho da princesa Elizabeth da Baviera, que entrou para a história com o cognome de Sissi (ela própria morreria assassinada por um desequilibrado), que ainda em vida foi cercada por uma aura romanesca (Maurice Barrès chamou-a “*a imperatriz da solidão*”) e suscitaria em meados dos anos 50 uma série de açucarados e simpáticos filmes protagonizados por Romy Schneider, que ainda voltaria a este personagem no **Ludwig** de Luchino Visconti. O que se passou no pavilhão de caça em Mayerling suscitou já à época variadas teorias, pois houve quem argumentasse que não se tratava de um suicídio e sim de um homicídio cometido pelos serviços secretos do império. Como é evidente, um tema como este, em que se misturam o drama passional e o tema político, ambos envoltos na doçura vienense das valsas de Strauss e das tartes *sacher*, atraiu o cinema muito antes do filme de Terence Young e o exemplo mais antigo parece ser **Mayerling** (1936) de Anatole Litvak, com Charles Boyer e Danièle Darrieux nos papéis do arquiduque e da sua amante. Em **Le Secret de Mayerling** (1949), em que Jean Marais encarna o arquiduque, Jean Delannoy

favoreceu a tese do homicídio. Muitos anos depois em 1976, Miklos Jancsó abordaria o tema de maneira bem menos rósea e com moderada noção do ridículo em **Vizi Privati, Publiche Virtù**, também defendendo a tese do homicídio disfarçado em suicídio, embora não por razões políticas. Como se fosse pouco, há ainda a tese, omitida em todas estas ficções, de que o arquiduque teria proposto um pacto de morte a outra amante sua (a atriz Mitzi Gaspar, personagem secundário do filme que vamos ver), que recusou a ideia e teria prevenido a polícia que não a levou a sério (esta hipótese poderia render vários outros filmes). É pouco provável que nenhum programador de cinema não tenha organizado em algum lugar do mundo um ciclo sobre este tema, que também suscitou telefilmes e docudramas.

**Mayerling** é uma co-produção franco-britânica e a ficha técnica inclui ilustres profissionais franceses na direção de fotografia, nos cenários e no guarda-roupa, além de um elenco de celebridades internacionais. À época o filme, rodado em 35 mm, foi distribuído em cópias de 70 mm nas salas equipadas para este formato. De modo significativo e como indica o genérico, o argumento, escrito pelo próprio Terence Young, foi baseado em dois romances, um de 1930 e o outro então recentíssimo, além de “*pesquisa histórica*” (palavras inscritas no genérico). Estes dois aspectos do personagem de Rodolfo de Habsburgo, o romanesco e o histórico, são devidamente equilibrados em **Mayerling**. Trata-se, como é óbvio, de uma produção de luxo cujos “valores de produção” nada ficam a dever ao que se fazia em Hollywood e inclui algumas sequências rodadas *in loco* em Viena, sobretudo fachadas de palácios. O filme tem algo de insólito para o período em que foi feito e a “*ausência do prosaico realismo de tantos filmes atuais*” foi louvada por um crítico e pode ter sido vista como um trunfo para um objeto cinematográfico destinado ao “grande público” dos mais variados países. O interesse do tema reside precisamente na mistura de fantasia romanesca e elementos políticos, já que o Arquiduque Rodolfo deixou a dupla reputação de *bon vivant* e de homem consciente das questões políticas, com ideias mais abertas do que as do seu pai. De modo deliciosamente extravagante, digna das maiores liberdades tomadas por Hollywood, na primeira sequência, uma manifestação política reprimida pela polícia, o príncipe vai parar à esquadra, como um simples mortal antes de ser reconhecido e conseguir libertar os que estão com ele. Um começo destes é promissor e no seu conjunto o filme é bem articulado, embora quinze ou vinte minutos a menos não tivessem feito mal a ninguém. Se nas numerosas sequências exclusivamente masculinas – o conflito pai/filho entre o imperador e o seu herdeiro e as discussões políticas entre Rodolfo e os seus amigos húngaros – as relações entre personagens são convincentes, Terence Young não consegue resultados tão bons nas sequências “românticas”. Não se passa grande coisa, em todo o caso grande coisa de convincente, nas sequências entre Omar Shariff e Catherine Deneuve, em grande parte porque esta assume um ar eternamente modesto e neutro (não por acaso muitos a acusavam de falta de expressividade) que esvazia a relação entre os dois personagens, que no entanto é crucial para a narrativa. Ava Gardner tem a função de *guest star* e está tão pouco presente no filme como a verdadeira Sissi na corte vienense a partir de certa altura. Embora já vitimada pelos ultrajes do tempo, ela não parece ter idade suficiente para ser mãe de Omar Shariff e o seu rosto está tão inchado, talvez devido aos excessos de álcool, que o espectador pode ter dificuldades a associá-la à sua imagem mais emblemática. Omar Shariff está perfeitamente à altura do que deve fazer, assim como James Mason, mas a figura mais marcante do elenco talvez seja Geneviève Page, na sua especialidade de intrigante snob. A sequência final é especialmente bem conseguida, pela maneira como mostra o suicídio sem mostrá-lo, com o príncipe a olhar pela janela aberta para animais destinados a serem caçados, antes de disparar sobre si mesmo e da sua mão agarrar a da amante, antes de se soltar.

Antonio Rodrigues